

# Crise custa caro ao carioca

O custo do desmonte do serviço público de Saúde nas unidades das redes federal e estadual e de outros municípios reflete-se diretamente na conta que o carioca paga por ter as emergências mais bem equipadas do estado. Só nos três primeiros meses de 95, o gasto da prefeitura cresceu mais de 100%. Os R\$ 3,5 milhões que pagaram o funcionamento de toda a rede no primeiro trimestre de 94 se transformaram em R\$ 7 milhões, no mesmo período, só para financiar as emergências do Miguel Couto, Souza Aguiar e Salgado Filho. O gasto com as três emergências representa 50% do total aplicado em toda a rede.

O aumento da demanda gerou um impacto de 40% no orçamento da cidade destinado à Saúde. "A participação subiu de 10% para 14% e hoje corresponde a aproximadamente R\$ 300 milhões. Os investimentos vão superar os dos últimos 10 anos jun-

tos", revela o secretário municipal de Saúde, Ronaldo Gazzola. Um Raio X dos atendimentos nos hospitais Miguel Couto e Souza Aguiar dá o retrato da crise: 40% dos atendimentos são de pacientes de laços muito distantes e 30% de pessoas de outros municípios.

Estão praticamente desativados ambulatorios e emergências em todo o estado. Não há investimento em recursos humanos — faltam médicos e outros profissionais — nem em equipamentos. "Resultado: a rede municipal de Saúde, que deveria responder por 8% dos atendimentos acaba arcando com o triplo desta demanda", reclama Gazzola. Para o secretário, se o governo federal e o estadual garantissem o funcionamento de mais quatro emergências — principalmente a do Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, e outra em Niterói — livraria os hospitais municipais do Rio da meta de da sobrecarga atual.